

MINEIRIDADE: CONSTRUÇÃO E SIGNIFICADO ATUAL

Fernando Correia Dias

Retomemos o velho tema. Trata-se de discutir a existência ou não de características culturais específicas da população que habita o território atualmente definido como o Estado de Minas Gerais. Procuraremos elucidar o que haveria de real na imagem ou na auto-imagem dos mineiros, construída ao longo de tanto tempo. Neste artigo, pretendemos propor sumária apresentação do tema, seguida de indicações para uma revisão bibliográfica preliminar e, por fim, a visão pessoal que dele temos.

Está sendo reconsiderada hoje a questão das diferenciações regionais no Brasil. Curiosamente, o fato se dá em época em que se tem acreditado muito no fenômeno inverso, isto é, numa possível uniformidade geral da cultura brasileira, que se estaria processando em paralelo à modernização da sociedade e por efeito da envolvente presença da indústria cultural em todos os recantos e em todas as camadas sociais. Tudo como decorrência, direta ou indireta, da internacionalização da economia brasileira.

A eleição direta dos governadores, em 1982, contribuiu para que se deslocasse no primeiro plano o problema da cultura e, no âmbito dele, o aspecto do pluralismo cultural brasileiro em todas as suas feições. Postulou-se a necessidade de uma articulação a nível nacional dos órgãos estaduais encarregados da política cultural. A mobilização partiu exatamente de Minas, pela ação do secretário José Aparecido de Oliveira.

Vive-se hoje, no Brasil, sob esses e outros prismas, um momento verdadeiramente privilegiado. Readquire-se a consciência da diferenciação cultural e, ao mesmo tempo, mobiliza-se a sociedade civil no sentido da participação sócio-po-

lítica e da extensão da cidadania a novos segmentos populares e a novas esferas da vida social. Esse duplo movimento pode significar, numa prospecção otimista, a reconstrução nacional pela sociedade (abrangendo os setores tradicionalmente excluídos) e não apenas pelas elites.

Ao readquirir sua influência política, no contexto da Federação, Minas está novamente sob o foco dos analistas sociais. De novo se procura decifrar um suposto "enigma mineiro".

1 A CONSTRUÇÃO DA MINEIRIDADE

1.1 Se o tema é antigo — Minas vem sendo observada desde o início de sua formação —, a verdade é que os estudos sistemáticos, segundo critérios mais ou menos científicos, sobre a região constituem tendência bastante recente. Tentarei mostrar a passagem da simples observação para os modernos ensaios interpretativos. E também para o estabelecimento de certos conceitos, como os de mineiridade e mineirismo, sujeitos, por sua vez, a determinadas distinções.

Gostaríamos de repetir aqui esta síntese feliz, colhida num Dicionário de Literatura:

"O mineiro, filho das Alterosas, dessa região montanhosa cheia de depósitos minerais e vicejantes pastagens de gado, é sempre descrito como um tipo caladão e desconfiado, introvertido e austero, mas hospitaleiro, inteligente e bom; ele foi e continua sendo figura de primeiro plano na vida política e cultural do país".¹

Tal caracterização não é arbitrária. Corresponde a observações que foram escritas desde o período colonial; por exemplo, por Antonil e por muitos outros viajantes ilustres, especialmente os que andaram por Minas no início do século XIX. Observadores europeus, com boa formação no campo das ciências naturais, foram responsáveis pela descrição da paisagem, dos elementos da flora e da fauna em Minas; e ainda pela descrição e análise dos comportamentos coletivos, dos hábitos familiares, das práticas econômicas e políticas, do nível de conhecimento dos grupos que foram encontrando pelo caminho, assim como de traços dos tipos individuais que lhes chamavam a atenção por qualquer motivo. Essa documentação possui inegável valor historiográfico e de muito tem servido aos estudiosos. Encontra-se dispersa, não obstante tentativa de reunir, em publicações, amostras significativas de tais escritos. De qualquer modo, perspicazes anotações de John Mawe, Richard F. Burton, George Gardner e, principalmente, Auguste de Saint-Hilaire, dentre outros, têm servido de subsídios para análises recentes da antiga vida mineira.²

O bibliógrafo mineiro Hélio Gravatá relacionou 55 obras de 45 viajantes que estiveram em Minas, entre 1809 e 1955, com predominância européia, desde o primeiro, o inglês John Mawe até o português Miguel Torga (em 1955). Os viajantes portugueses, diga-se de passagem, tendem a perceber Minas em suas semelhanças com a antiga metrópole: tanto no aspecto urbanístico das velhas cidades coloniais, como na persistência de certos costumes. Essa marcante influência lusitana vem destacada por alguns intérpretes da civilização mineira.³

1.2 É fora de dúvida que a cultura regional se formou, nos traços essenciais, no período da mineração. Por esse motivo, há uma inclinação, entre estudiosos e leigos, a identificar Minas com sua região central e montanhosa, onde se deu o processo de povoamento e de exploração dos recursos minerais, notadamente o ouro e o diamante. O povoamento dessa área foi examinado por Caio Prado Júnior de forma até hoje insuperada. 4

Foi bastante curto, não abrangendo mais do que algumas décadas, o período de instalação da economia mineratória. Referimo-nos ao início do povoamento; à criação de arraiais e vilas, à busca de ouro de aluvião e seus desdobramentos: tudo culmina com a diferenciação do espaço jurídico-institucional, isto é, com a separação da Capitania das Minas da de São Paulo, em 1720.

Fala-se igualmente em uma possível originalidade histórica dessa área. Ela se distingue pelo estilo de urbanização precoce, por meio da articulação de arraiais e vilas dentro do mesmo sistema econômico; pela intensa miscigenação e pela presença de estratos sociais mais diversificados e dispostos de modo mais flexível do que em outros trechos do Brasil da mesma época; pelo rigoroso controle social a que esteve submetida, por parte especialmente dos agentes e instituições fiscais da Coroa; pela confluência de uma população socialmente heterogênea, fluida e instável, constituída de paulistas remanescentes das bandeiras e dos fazendeiros de ouro, judeus (cristãos-novos), baianos e outros nordestinos, reinóis de origem rural ou não; por uma participação política restrita mas efetiva, por meio das câmaras municipais, e assim por diante.

Essas características chamaram sempre a atenção dos observadores. Em algumas décadas de intenso relacionamento entre grupos étnicos tão diversificados, forjaram-se, por hipótese, alguns traços de mentalidade coletiva. A recusa do poder opressivo, o catolicismo devocional, o fechamento em si mesmas das unidades familiares (notadamente as rurais) são alguns exemplos possíveis de comportamento que perpassavam toda a embrionária estrutura de classes ali existente.

Aceitando-se essa suposição, pode-se perguntar se as características básicas da cultura da área mineradora não se teriam difundido para os demais trechos do território mineiro, depois que se dispersaram os contingentes demográficos concentrados em torno da produção mineral.

Outro aspecto da originalidade da cultura regional reside no conjunto integrado de manifestações artísticas — nos campos da arquitetura, da escultura, da música e das letras — ocorridas na segunda metade do século XVIII e que vieram a constituir o núcleo germinal de uma forte tradição intelectual em Minas Gerais.

O espaço geográfico mineiro tem sido examinado em si mesmo e em suas relações com outras subestruturas da sociedade global brasileira. Se tomarmos o conceito de regiões culturais, tal como o define Manuel Diègues Júnior, verificaremos que a da Mineração ocupa largo espaço, mas o território atual de Minas é cortado por outras regiões, como a do Nordeste Pastoral, a do Café e a da Faixa Industrial. Roger Bastide trata também, embora não explicitamente, de regiões culturais, dedicando a Minas o excelente capítulo "O Brasil do ouro", cujas observações históricas e antropológicas têm sido aceitas com frequência por outros

estudiosos. O espaço mineiro também é colocado em confronto com outros trechos do Brasil numa famosa conferência de Viana Moog, *Uma interpretação da literatura brasileira*. As demais áreas literárias significativas, além de Minas são: Amazônia, Nordeste, Bahia, São Paulo, Rio Grande do Sul e Metrópole (Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal).

Nesse trabalho, Viana Moog insiste no caráter geográfico (principalmente o aspecto montanhoso) como forte condicionante cultural de Minas. Depois de refutar doutrinadores do determinismo geográfico, argumenta que o fator é irrecusável no caso mineiro. Leva em conta a sucessão de montanhas, em que aparecem os municípios como verdadeiros anfiteatros, "separados uns dos outros por antemurais de granito". Por isso, vivem vida à parte. O municipalismo — a consciência de pertencer a uma comunidade de origem — impregna a vida mineira, fazendo com que qualquer mineiro, por mais nacionalmente ilustre que seja, se faz apresentar sempre como filho deste ou daquele município. ^{4ª}

A adoção preliminar do ponto de vista geográfico aparece em outro ensaio a ser destacado: *O homem e a montanha*, de João Camilo de Oliveira Torres. Declara que o escreveu para responder a esta pergunta: "que repercussões houve, para a formação e constituição de grupos sociais, do fato de ser montanhoso o território mineiro?". O livro, diga-se logo, oferece respostas convincentes.

1.3 Em que consiste a mineiridade? Trata-se de uma constelação de atributos consignados aos habitantes desse território, tanto a título individual como coletivo. Na descrição e na interpretação do que é ser mineiro, começam a aparecer determinadas conotações. Os menos elaborados e mais anacrônicos modelos de análise são aqueles que insistem nesses atributos como sendo naturais, que falam em "raça mineira", que ignoram possíveis diferenciações internas sob os pontos de vista ecológico (sub-regiões) ou de organização social (grupos diversificados e classes).

Depois da corrente dos viajantes, desde os mais remotos até os mais ou menos recentes como Carlos de Laet e Olavo Bilac, ⁵ devemos considerar os analistas sociais dotados de critérios próximos do científico. Mencionemos os dois primeiros de que se tem notícia.

Sob a direção de Monteiro Lobato, a *Revista do Brasil* do começo do século publicava matérias variadas sobre nossa realidade sócio-cultural. Em 1918, estampou um artigo de Oliveira Viana sob o título "Minas do lume e do pão". Mais tarde, 1921, seria o texto incluído no livro *Pequenos ensaios de Psicologia Social*. Escrito em linguagem leve, quase de crônica, o ensaio narra estada do autor no interior mineiro e em Belo Horizonte. Esteve mais tempo em Barbacena, mas também visitou Palmira (a atual Santos Dumont) e Juiz de Fora.

Depois de descartar várias versões ou vários aspectos de Minas, o historiador se fixa unicamente na "Minas doméstica, a Minas que se reúne em torno da mesa familiar para compartilhar o pão da amizade e junto ao lume larário para os ritos do culto da hospitalidade. Desta é que falaremos, resumindo as impressões de seis longos meses de convivência entre os mineiros".

Descreve costumes das famílias; discorre sobre o seu fechamento para o exterior; fala da influência dos portugueses de origem rural na constituição desses costumes domésticos. Como elemento diferenciador do povo mineiro, em

comparação com os paulistas, destaca a presença dos emboabas. Estes ocorreram em grande número ao território de Minas, reorganizando-se e reelaborando sua vida social, numa passagem, sem qualquer mediação, do meio doméstico originário para o planalto tropical. Tal como faria Sylvio de Vasconcelos muito depois, Oliveira Viana atribui grande importância à influência lusitana em Minas Gerais. Ambos divergem é quanto à procedência dos imigrantes.⁶

Numa linha semelhante de análise, falando já agora em "teto, roupa, lume e pão", Néelson de Sena, responsável por apreciáveis estudos etnográficos, constrói, em largos traços, em 1922, no livro *A Terra Mineira*,⁷ o retrato do homem típico da região, ligado profundamente a tradições familiares e religiosas. Neste, como em Oliveira Viana, transparece certa idealização da vida rural mineira.

A proposta do termo mineiridade viria muito tempo depois. Gilberto Freyre o colocou em circulação e em destaque, em 1946, quando proferiu uma conferência na Faculdade de Direito, em Belo Horizonte. O orador era deputado e tivera atuação de destaque, em Pernambuco, na campanha eleitoral de Eduardo Gomes. Estava preocupado com os problemas do pós-guerra e com os debates na Constituinte. Sob o título "Ordem, liberdade, mineiridade", discorreu sobre o papel político dos mineiros naquele instante. Argumenta com a existência, no plano interno e no externo, de polarizações ideológicas, que deveriam ser superadas por novas formas de organização política. Evoca frases históricas de Minas, "o senso grave da ordem" e a "liberdade ainda que tardia". Através da mineiridade, isto é, da tendência a transigir e a vencer os antagonismos, os mineiros poderiam contribuir para conciliar a "liberdade das pessoas com a ordem da sociedade". Propõe um programa de reconstrução social, acenando com flexível planejamento democrático, capaz de incorporar valores econômicos e tecnológicos e também o que chama de valores "pessoalmente culturais", como atividade artística, religiosa, intelectual, recreativa.⁸

Essa conotação do equilíbrio, do meio termo, talvez seja a mais freqüente nas formulações em torno da mineiridade. Aparece, por exemplo, no famoso ensaio de Alceu Amoroso Lima sobre Minas.

Houve, há pouco, uma revisão do tema. O cientista político mineiro Otávio Soares Dulci escreveu um longo artigo, "As elites mineiras e a conciliação: a mineiridade como ideologia". Começa discorrendo sobre a voga da idéia do consenso na política brasileira recente; analisa depois a mineiridade a partir da conceituação feita por Alceu Amoroso Lima; fala numa subcultura política mineira, cuja construção, baseada na noção de equilíbrio, caminha paralelamente com a construção, em Minas, do ideário liberal, cujas vicissitudes históricas acompanha, especialmente no período republicano, que permite a emergência da identidade das elites do poder em Minas; acompanha as alternâncias de modificações e continuidade. Conclui que a mineiridade é a ideologia da elite mineira, uma ideologia da classe dominante.⁹

Anteriormente a essa, propôs-se outra revisão do termo. O professor de Comunicação Sérgio Porto fez uma curiosa análise, segundo a metodologia semiótica, do discurso da campanha publicitária da Fiat Automóveis, durante sua implantação em Minas. A empresa usou símbolos mineiros (dentre os quais o

tutu de feijão) para identificar-se com a cultura mineira e ganhar pontos junto à opinião pública. Ao mesmo tempo, essa campanha oferecia a perspectiva da opulência em Minas; o ensaísta compara essa promessa com a da falsa opulência do período da mineração, no século XVIII. A propósito desses fatos, volta à discussão do significado de mineiridade.¹⁰

Ainda a respeito de mineiridade, é importante registrar as distinções semânticas feitas por Afonso Arinos, no discurso de recepção de Tancredo Neves na Academia Mineira de Letras. O orador retorna ao tema, propondo *mineirismo* para definir o interesse pela cultura, a afirmação intelectual, e *mineirice* para significar a paixão pelo poder, às vezes pela habilidade matreira. Classifica mineiros ilustres como propendendo mais ou menos a uma ou outra direção.¹¹

1.4 Se a sociedade mineira se formou no século XVIII; se a cultura regional, no que tem de mais significativo e talvez mais permanente encontra suas raízes nesse mesmo período — então se impunha aos estudiosos a voltarem-se para esse período, procurando compreendê-lo de modo sistemático. Não é por acaso que se desenvolveu satisfatoriamente a historiografia social na e da região mineira. Constitui esse setor de estudos um dos mais destacados, no meio intelectual de Minas; é provável que só se possa rivalizar com o dos estudos de Ciência Política, notadamente os efetuados no âmbito da UFMG. Explica-se, desse modo, o grande interesse dos pesquisadores e dos intérpretes pela realidade colonial. Só muito recentemente voltaram-se os jovens historiadores, economistas e sociólogos para a história mais próxima. Para tanto, têm contado com a prestímosa colaboração de veteranos mestres, dentre os quais se destaca Francisco Iglésias.

Pretendemos tão-somente apontar adiante os trabalhos que, nas últimas décadas, deram contribuições apreciáveis ao conhecimento das raízes culturais de Minas. Os autores de tais textos nem sempre são historiadores profissionais. Nem todos fizeram pesquisa própria de fontes primárias. Valeram-se, em certas circunstâncias, do desbravamento do terreno, efetuado por alguns historiadores tradicionais, que produziram estudos clássicos. Para citar apenas um exemplo destes últimos, lembremos o nome de Diogo de Vasconcelos. E também das laboriosas pesquisas recentes de Waldemar Barbosa.¹²

Ocorre-nos em primeiro lugar, pelo seu espírito crítico, o nome de Eduardo Friero. Debruçou-se, numa dupla perspectiva, sobre o fenômeno colonial: a da ficção (em *O Mameluco Boaventura*) e a do ensaio historiográfico. Destaque-se, principalmente, a recusa das interpretações convencionais. Por exemplo, o questionamento de que tenha havido extensa (e muito menos ilimitada) opulência na região das Minas, no século XVIII. Pelo seu caráter pioneiro, destaque-se ainda o ensaio sobre a biblioteca de conteúdo racionalista do cônego Vieira da Silva, um dos clérigos envolvidos na Inconfidência Mineira.¹³

Com intenção polêmica semelhante, aparece mais tarde o estudo de João Dornas Filho, *O ouro das gerais e a civilização da Capitania*, dedicado aos fundamentos econômicos do período colonial e aos seus desdobramentos. O livro faz freqüentes comparações com a economia açucareira do Nordeste e procura refutar afirmações do historiador Oliveira Lima sobre Minas Gerais.¹⁴

Nas décadas de 30 e 40, aparecem os primeiros ensaios com ampla ambição interpretativa. Mencionem-se, primeiramente, pela ordem cronológica, os de

Miran de Barros Latif, *As Minas Gerais* (1938) e o de João Camilo de Oliveira Torres, *O homem e a montanha* (1944). Têm em comum o fato de que se basearam, simultaneamente, em achados da historiografia social e em observações pessoais dos respectivos autores, hauridas no contato direto com a realidade mineira. O primeiro não cita qualquer bibliografia.

As Minas Gerais foi escrito por um engenheiro paulista, descendente, pelo lado materno, de mineiros ilustres ligados à história regional. Participou ele, por volta de 1935, das expedições de levantamento geológico do Estado, chefiadas pelo saudoso Djalma Guimarães. Fala de múltiplos aspectos sócio-culturais, da ação da Igreja Católica, de traços do caráter mineiro ("afável e desconfiado"), das técnicas de mineração, da vida cotidiana das Minas. De citação obrigatória pelos estudiosos posteriores, que endossam muitas das anotações de Barros Latif, o livro parece ter trazido várias novidades.¹⁵

Escrito na juventude por quem seria depois dos mais ilustres profícuos historiadores mineiros, *O Homem e a Montanha* flui em linguagem leve, quase jornalística. Possui boa base metodológica: parte de um modelo de sociedade, mitigadamente organísmico; na interpretação do povoamento e da vida econômica nas Minas, baseia-se em Caio Prado Jr. (*Formação do Brasil Contemporâneo*); nas análises de ecologia humana, inspira-se em Gilberto Freyre, mostrando, com frequência, contrastes entre a região mineradora e a do Nordeste canavieiro. Partindo do enquadramento geográfico, descrito com sensibilidade quase lírica, o autor analisa a realidade familiar, a habitação, as práticas religiosas, as técnicas de mineração, os fundamentos da vida política. Trata-se de um belo clássico, seriamente prejudicado, porém, pelo excesso de citações extensas e por um capítulo muito sumário, o referente à influência franciscana em Minas (cap. XIII).¹⁶

Ao contrário do livro precedente e embora possua o subtítulo de "ensaio de sociologia regional", *Voz de Minas* (1946), de Alceu Amoroso Lima não se fundamenta num modelo sociológico de análise, mas na perspectiva do humanismo cristão. Trata-se de longa, sistemática, por vezes compreensiva meditação sobre a vida mineira; a realidade psicológica do mineiro, seu comportamento social, suas práticas culturais, a espiritualidade que exercita. Por fim, exprime a esperança de que a comunidade mineira, cumprindo missão histórica, possa contribuir para o equilíbrio e a renovação positiva da sociedade brasileira. O capítulo sobre a cultura de Minas parece o mais bem realizado; com ela, por sinal, possuía o autor profundas afinidades, que o levam a certo envolvimento emocional com a temática escolhida, ao longo de todo o livro. Baseia-se a análise nos relatos dos viajantes, em documentos publicados pela *Revista do Arquivo Público Mineiro* e, principalmente, no convívio de Alceu Amoroso Lima, em diversas oportunidades, com mineiros de várias gerações. A despeito de alguns enganos (afirmar a benignidade do antigo mestre-escola mineiro, por exemplo), o livro continua sugestivo e útil, não sendo, como alguns supõem, mera apologia, mas um estudo que procura ser equânime.¹⁷

A redescoberta da arte barroca, com toda a sua significação simbólica, pelo movimento modernista, suscitou uma nova vertente de estudos da história social e artística. Algumas pesquisas foram animadas por Rodrigo M. F. de Andrade, executor do sistema de proteção ao patrimônio histórico, especialmente do

“tesouro artístico de Minas”. Esses estudos se desdobram até hoje, podendo ser citados trabalhos recentes de Ivo Porto de Menezes e de Myrian Ribeiro de Oliveira, na área de história da arte. Sob aspecto mais específico de história social, lembre-se o excelente *Associações Religiosas do Ciclo do Ouro*, estudo insuperado sobre as irmandades do século XVIII, assunto sugerido por João Camilo e por Rodrigo e não devidamente referido por Alceu Amoroso Lima, no capítulo sobre a espiritualidade dos mineiros.¹⁸

Houve um momento em que pareciam esgotar-se as perspectivas interpretativas da formação social de Minas e, por extensão, da cultura regional. Simplesmente, todos nos repetíamos e tentávamos novas interpretações sem o lastro correspondente de novos achados obtidos pelo árduo trabalho de pesquisa. Foi quando, a partir dos anos 60, competentes pesquisadores se lançam ao trabalho de obter elementos elucidativos, mediante os quais pudessem abrir novas janelas do conhecimento. Citemos três nomes: poeta Affonso Ávila, o arquiteto Sylvio de Vasconcelos e o economista e jurista Washington Peluso Albino de Souza.

Sylvio de Vasconcelos oferece um ensaio interpretativo, para o qual se vale da própria tradição familiar na historiografia; de seus conhecimentos de arquiteto e de crítico de artes plásticas; de sua experiência de técnico, pesquisador e dirigente do Distrito mineiro do SPHAN. Produz um trabalho de maior profundidade do que os ensaios interpretativos anteriores. Baseou-se em pesquisas próprias, realizadas algumas em Portugal: ora documentais, Col. Pombalina da Biblioteca Nacional de Lisboa, ora arquitetônicas, em aldeias e cidades portuguesas. O aspecto arquitetônico foi documentado com fotografias, destinadas a ilustrar comparações entre paisagens urbanas e rurais de Minas e daquele país. Procura demonstrar que a parcela mais ponderável da imigração para Minas não advém de áreas rurais do Norte (minhotas, por exemplo), como supõem alguns, mas de áreas próximas a cidades, inclusive Lisboa, de onde deriva a influência maior sobre artífices que vieram trabalhar nas vilas do ouro; acentua, com novos argumentos, a existência de uma estratificação social mais flexível na região mineiradora, em decorrência da própria natureza da prática econômica e das relações de trabalho ali vigentes; defende a idéia de que o barroco em Minas foi essencialmente popular e não aristocrático ou contra-reformista. Esses pontos de vista estão sujeitos, pelo menos parcialmente, a controvérsias, mas ninguém negará a seriedade e a proficiência com que são estudados e propostos.¹⁹

A Affonso Ávila, correspondeu a tarefa de estudar os documentos literários mineiros do século XVIII. Começou pela análise de texto e contexto das mais antigas manifestações impressas sobre a vida social de Minas: o *Triunfo Eucarístico* e o *Áureo Trono Episcopal*, ambos da primeira metade do século XVIII, consideradas como representativas de um tardio barroco literário. Publicou uma edição fac-similar dos referidos documentos, precedida de introdução crítica e seguida de muitas notas esclarecedoras sobre os textos e sobre os acontecimentos que os provocaram. Esse estudo faz a interpretação da vida intelectual e dos escritos da época (especialmente as *Cartas Chilenas*), tudo percebido como componentes de uma visão barroca do mundo, tal como ela se encarnou historicamente naquele momento e naquele espaço. A arte barroca é entendida como fenômeno sincrônico que impregna toda a realidade sócio-cultural e se desdobra em épocas sub-

seqüentes, e não simples estilo de época. Depois desse trabalho, Affonso Ávila tem-se dedicado ao estudo dos sermonistas mineiros da mesma época. ²⁰

Finalmente, nesse particular, assimilem-se os trabalhos de Washington Albino. Tendo pesquisado em arquivos brasileiros, portugueses e franceses, dedicou-se a examinar diversos aspectos do Ciclo do Ouro: a origem das vilas, seu desenvolvimento histórico e sua articulação em novas configurações da rede urbana; a repercussão da exploração aurífera em Minas Gerais sobre a vida econômica e sobre as teorias econômicas européias. Propôs a tese da existência de uma cultura autônoma na região mineradora, da qual o Aleijadinho seria o símbolo completo e irrecusável. Realizou uma "leitura" da obra escultória de Antônio Francisco Lisboa, na perspectiva da interpretação política e sob o ângulo das forças sociais em conflito na época. Desses trabalhos, pode-se dizer que conseguem propor algo inteiramente novo em terreno já muito explorado. ²¹

1.5 Cabe aqui rápida anotação sobre a presença do tema da mineiridade em textos de criação literária: porque não apenas a nível conceitual e no discurso informativo, mas também nos romances, poemas e memórias aparecem alusões mais ou menos explícitas ao que é ser mineiro. Sem falar nos escritos de criação que *exprimem* vagamente a realidade social mineira. Sem falar na "atmosfera espiritual" de alguns romances.

Registrem-se, inicialmente, textos de dois grandes criadores — Carlos Drummond de Andrade e João Guimarães Rosa — que falam de Minas, intencionalmente, em trabalhos "em prosa", mas com evidente carga poética. Na crônica "Colóquio das Estátuas", o poeta propõe, depois de colocar em diálogo teatral os profetas de Congonhas, uma interpretação de Minas. De Minas já vinha falando difusamente desde *Alguma Poesia*. No "Colóquio", mostra, como traços do caráter mineiro, duas contradições e uma inclinação perene à liberdade. A primeira contradição é entre a sensualidade e a cobiça, de um lado, e ascetismo, de outro; a segunda, entre a propensão ao enclausuramento e a propensão ao universalismo. O texto de Guimarães Rosa foi publicado numa revista com o título de "Minas, a mineiridade". Fala da "Minas geratriz", isto é, a mineradora e das outras faces também. Descreve líricamente a região, desde os rios, e montanhas até o mais fundo da mentalidade coletiva. Há uma sucessão impressionante de atributos aplicáveis a Minas. ²²

Livros de poemas inteiramente dedicados ao tema do desvelamento de Minas há pelo menos dois: *Elegia do País das Gerais*, de Dantas Mota, dividido em cinco "livros" e *Código de Minas* (1963-1967). ²³

Sobre este último, vale anotar que deve ser examinado como parte da visão crítica do autor em face do quadro sócio-cultural de Minas. Deve ser lido como parte indissociável da obra de Affonso Ávila. Alternam-se, nesses versos, ironia e auto-ironia. O primeiro se dirige a certos aspectos de Minas latentes no discurso oficial e das elites: a hipocrisia, a impostura, a trama de interesses escusos, etc. Há também a exaltação dos insurgentes e de Lobo de Mesquita. Os versos são simultaneamente despojados, descarnados mesmo e, ao mesmo tempo, portadores de um jogo semântico extremamente rico. A intenção do livro se exprime no conjunto dialético da dedicatória (a Drummond, intérprete da alma mineira) e da epígrafe (de Cláudio, o "grande corpo das Minas Gerais"). Cada poe-

ma tem sua própria epígrafe, tirada de textos de todo gênero sobre Minas, e a partir da qual se vai construindo (ou desvelando) o discurso crítico, às vezes pela demolição de mitos.

A respeito de romances, recorde-se *O Grande Mentecapto*, de Fernando Sabino. Imaginativamente, contém muito de realidade e de mito mineiros. Aneódotos, lendas, episódios reais, estereótipos sobre as cidades representativas de cada sub-região mineira. Tudo que foi guardado na memória do autor e de sua confraria; tudo acabou contido na saga de Geraldo Viramundo. ²⁴

Outro que se ocupa obstinadamente com Minas é Autran Dourado. A substância espiritual e cultural da região, especialmente no que ela tem de mais profundo, nas pequenas comunidades, perpassa toda a obra ficcional do autor de *Ópera dos Mortos*. Ele não faz segredo disso; pelo contrário, confirma-o como ligado a um projeto ao mesmo tempo artístico e existencial:

“Há 37 anos escrevo a saga das Minas Gerais. O dia que entender Minas deixo de escrever”. ²⁵

Finalmente, outra fonte para compreender o suposto “enigma mineiro”, está a meio caminho entre a ficção e o relato informativo, é a obra de memórias de Pedro Nava, que discutiu o assunto também em entrevistas. No volume *Chão de Ferro*, especialmente na parte final, há observações preciosas. ²⁶

2 CARACTERÍSTICAS DA CULTURA REGIONAL

2.1 Em outra ocasião, propusemo-nos examinar o tema da formação social de Minas Gerais e discutir a questão de sua originalidade ou não como configuração cultural. ²⁷ Consideramos então Minas como uma subestrutura da sociedade nacional. Não sendo uma sociedade dotada de soberania social e de outras características que conformam as sociedades globais (que hoje se restringem aos estados nacionais e determinados grupos tribais), Minas Gerais não poderia, a rigor, ter uma cultura independente; sua realidade cultural, embora muito rica, constitui parte integrante da cultura nacional brasileira. Em estudo muito sugestivo, o Prof. Washington Albino propõe a existência de uma cultura autônoma na região das Minas, da qual o Aleijadinho seria símbolo. É plausível pensar-se dessa forma, mas apenas para aquele momento histórico, em que a sociedade nacional encontrava-se em projeto: um projeto para cuja implementação futura a dinâmica social das Minas está contribuindo, conforme assinala Mário de Andrade. ²⁸

Ao expor os estudos dedicados ao tema da caracterização de Minas, enunciamos alguns dos traços historicamente estabelecidos. Aceitamos a tese de que, na dispersão dos contingentes concentrados na área central, com a decadência das minas, foram levados certos costumes, certas práticas, certas técnicas, certos conhecimentos para os trechos periféricos da Capitania. Terá pesado, na formação dessa cultura, a vertente intelectual, já referida, que se manifestou pelas atividades literárias, arquitetura, escultura e música. Não é aqui o lugar para que se explicita toda a importância estética dessas manifestações, notadamente no momento em que constituíram uma visão barroca do mundo.

Dentro dessa perspectiva, contudo, é possível vislumbrar algumas modificações no decorrer do século XVIII. Existiu provavelmente um paralelismo entre estilos de pensamento e estilos artísticos: uma variação do barroco ao rococó, acompanhada de variação entre o pensamento ilustrado de cunho absolutista para o pensamento liberal. 29

Parte das elites assimila o pensamento ilustrado. Das muitas pessoas que partiram da Colônia para formar-se na Europa — em Coimbra, Montpellier, Paris, Edimburgo —, poucas se fixaram em Minas depois desses estudos; muitos mineiros foram aplicar seus conhecimentos em outros quadrantes da Colônia. Buscava-se exatamente o sabor aplicado: à medicina, à agricultura, à mineração. Ora, a agricultura era pouco expressiva em Minas e a mineração utilizava técnicas rudimentares, quando não predatórias. Dispensava-se, pois, o conhecimento científico. Os letrados mineiros, fossem clérigos, proprietários, servidores da Coroa, profissionais liberais, estavam em geral interessados num saber humanístico. Daí o prestígio dos enciclopedistas entre os inconfidentes. O gênero de conhecimento humanístico predominante era o político. Não a pura especulação de Filosofia Política, mas algo também voltado para a prática, para os negócios públicos da região. Derivam dessa motivação as leituras do Cônego Vieira e os trabalhos de Tomás Antônio Gonzaga, aí incluído seu *Tratado de Direito Natural*. De qualquer forma, não era uma *razão pragmática* no sentido tecnológico, mas uma *razão humanística*. 30

A inclinação para o pensamento político poderia ser uma escolha pessoal de alguns letrados. Era, porém, algo que brotava igualmente das condições estruturais da sociedade. Tratava-se de um território conflituoso, com a disputa do controle administrativo e dos territórios mais rentáveis entre paulistas e emboabas; com a disputa entre câmaras e o poder real; com a resistência da população às opressões do fisco. Em estruturas conflituosas, afirma Georges Gurvitch, o conhecimento político assume o ápice na hierarquia dos gêneros de conhecimento. 31

Mais tarde, haveria uma alternância, na história econômica de Minas, entre o predomínio da *razão pragmática* e da *razão humanística*. A fundação da Universidade, em 1927, significou uma tentativa das elites regionais de fazer convergir as duas tendências e tradições intelectuais do pensamento ilustrado para um projeto capaz de integrá-las.

É possível falar-se, com algumas ressalvas, num caráter regional mineiro. Ressalve-se que não se trata de uma constelação de características puramente naturais, que acompanham as pessoas desde o nascimento. Na medida em que existam, esses padrões foram aprendidos nas relações sociais. Persistiriam alguns desses antigos padrões? Provavelmente sim, mas estarão sujeitos sempre a mutações históricas. Alceu Amoroso Lima acentua, a certa altura, a sedentariedade dos mineiros; essa disposição não parece ser a tônica do comportamento do mineiro médio na atualidade.

Mesmo aceitando-se a suposição da existência de uma cultura regional mineira, deve-se ter em vista que não estamos diante de algo homogêneo e harmônico. Minas é heterogênea do ponto de vista espacial; basta pensar em algumas sub-regiões. E também o é do ponto de vista da estrutura social.

Pode-se dizer, entretanto, que a integração territorial é mais forte, hoje, do que, por exemplo, na Primeira República. Belo Horizonte, centro dinâmico da zona mineiro-metalúrgica, tornou-se grande empório comercial, eixo de grandes rodovias interestaduais, base da indústria mecânica, tudo levando-a a ampliar bastante seu raio de ação. Tornou-se o pólo de todo o Estado, atraindo os fluxos econômicos, culturais, administrativos de toda a Minas Gerais, inclusive dos trechos anteriormente polarizados por São Paulo e pelo Rio de Janeiro.

Em período recente, passou a haver maior consciência, a nível estadual, da produção artística e artesanal de regiões anteriormente isoladas e desconhecidas, como o Vale do Jequitinhonha. O Norte, com sua densidade cultural, impôs-se ao conhecimento das áreas mais desenvolvidas. A literatura de Guimarães Rosa despertou o interesse intelectual pelo conhecimento do sertão mineiro, tema de cineastas, pensadores, cientistas sociais, historiadores.

A diferenciação não apenas é perceptível espacialmente, de forma intra-regional. As camadas e classes têm vivências culturais diversificadas. No passado, havia uma dimensão da cultura que era de origem européia, transplantada, vivida pela camada superior. E havia outra dimensão, africanizada, exprimindo-se em geral de forma não-verbal, tendendo ao sincretismo. Elas conviviam mais ou menos pacificamente. E até se interpenetravam, como nas grandes festas barrocas analisadas por Affonso Ávila. Esse fato não impediu, contudo, que houvesse conflitos graves, como o combate e destruição de quilombos. Teremos que analisar o fenômeno hoje, por meio de pesquisas: que dimensões existem agora na cultura regional? Quais as perspectivas das classes subalternas?

Ainda a respeito de diversidade, cumpre lembrar a distinção feita por Paulo Pinheiro Chagas entre dois tipos sociais de mineiros: o tipo rural e o tipo minerador.

"O espírito de aventura, o amor à liberdade, o gosto pelas sedições, o culto da arte, a intemperança, o jogo, a alegria, a facúndia, a indiscrição, a forma, o sonho, o ímpeto pertencem aos homens da primeira espécie. Definem os da segunda a afeição à estabilidade, o respeito à autoridade, o 'senso grave da ordem', o apego da ciência, o comedimento, a economia, a severidade, a palavra curta, o bom senso, a substância, a razão, o método".³²

A distinção foi proposta num texto de apologia de Juscelino Kubitschek, que o autor considera como o exemplo acabado do tipo minerador. Essa conferência, vazada com vigor literário, procura mostrar as raízes sociais de dois modos de ser na elite política mineira. Formaram-se em dois contextos diversos da mesma sociedade.

2.2 Os brasileiros nascidos em Minas ou longamente moradores nesses rincões refletiram, desde o início, sobre a realidade social que os cercava. Representantes das elites — políticas e intelectuais — exprimiram, em certos momentos especiais, as idéias e os anseios de uma consciência regional. Nesses momentos, as elites parecem falar não apenas em seu próprio nome; inclinam-se a condensar, em seu discurso, as representações coletivas. Já tratamos desses aspectos em outras ocasiões, mas vale a pena acrescentar algo.

Dá-se em plena era colonial a primeira manifestação assinalável dessa consciência. De forma explícita, ela se faz sentir na luta política e em alguns textos literários. A Inconfidência significou a consolidação, em termos de projeto, da tentativa de resolver demorado conflito político entre a sociedade das Minas e o poder colonial.

Nas letras, há dois exemplos a lembrar — o das *Cartas Chilenas*, em que Tomás Antônio Gonzaga, sob o pseudônimo de Critilo, produz a crítica enérgica da corrupção sob o governo colonial; e dos textos poéticos de Cláudio Manuel da Costa, por certo o mais ambivalente dos intelectuais da época, ligado como funcionário à administração e profundamente identificado com a realidade da região em que nascera.

A importância do testemunho de Cláudio foi ressaltada recentemente em trabalho de análise marcado por profunda compreensão crítica. A leitura dos poemas do arcade mineiro, tanto os líricos como o épico *Vila Rica*, feita pelo Prof. Hélio Lopes, da USP, demonstra a inequívoca e consciente identificação do poeta com sua terra natal, em termos de paisagem geográfica e humana; a despeito da glorificação dos fundadores portugueses de Vila Rica, essa poesia é a primeira tomada de consciência explícita da "pátria mineira".³³

Outro momento relevante em que Minas se pensa com intensidade é o da implantação do modelo federativo, instituído com a República. No plano das idéias, discute-se — na imprensa, na cátedra, nas tribunas parlamentares e até nos púlpitos — qual o papel de Minas na nova ordem política; no plano prático, articula-se a oligarquia regional por meio do aparecimento e fixação do Partido Republicano Mineiro, o PRM, que manteria o virtual monopólio do poder em toda a Primeira República.

Certos pronunciamentos de João Pinheiro parecem captar uma realidade mais profunda do que a manifestada nas conversas palacianas. É preciso, diz ele, sair "do grande estado de pobreza" de Minas. Fala em nome das novas gerações. E conclama os mineiros a que acordem em si mesmos "a antiga energia". Propõe a superação da penúria, "tarefa nova", afirmando que foi a sociedade, e não os governos coloniais que construíram Minas, e isso através da "resistência às opressões". Todas essas idéias estão no Manifesto ao Povo, de 1906.

O terceiro momento significativo foi o da renovação intelectual realizada por jovens escritores mineiros na década de 1920. Uma das características comuns ao grupo era a da retomada crítica da tradição intelectual mineira, ao mesmo tempo em que se recusava o academicismo passadista da geração imediatamente anterior. Esse esforço renovador se entrelaça, no final da década, com o projeto liberal de Antônio Carlos.

Pode-se indagar se não estaria havendo hoje um novo momento significativo, semelhante àqueles sumariamente expostos acima. No século XVIII, a consciência regional se exprime pela ação política e pelas manifestações artísticas, dentro da *razão humanística* da tradição ilustrada; na inflexão do federalismo, tratou-se, antes de tudo, de preocupação com a política econômica, refletindo-se na reforma do ensino, marcada pela *razão pragmática*; nos anos 20, o movimento foi de realização literária e de modernização do poder oligárquico, cujo projeto de Universidade procurava fazer confluir para o mesmo estuário as duas vertentes intelectuais de Minas.

Nos dias correntes, há sinais de retomada da consciência regional. A crescente mobilização da sociedade civil, simbolizada pela campanha pelas eleições diretas, faz com que este momento seja diverso dos anteriores, em amplitude e vigor. Que sinais podemos ler? Anseia-se por maior participação social, pela reavaliação da cultura regional como um todo (e não apenas da produção intelectual), pela ocupação de maior espaço político no quadro federativo.

Como nos momentos anteriores, as transformações, longe de apagar os traços da identidade mineira, talvez venham novamente a acentuá-los. ³⁴

NOTAS E REFERÊNCIAS

- 01 Heron de Alencar, "Minas Gerais". Verbete do *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira e Gallega*. Porto, Figueirinhas, 1960.
- 02 Cf. João André Antonil, *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. São Paulo, Melhoramentos, 1923. Para informações sobre os viajantes estrangeiros em Minas Gerais, veja-se a utilíssima publicação do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, números 212 a 214, respectivamente de 26 set., e 10 de out. 1970, organizada por Francisco Iglésias. Trata-se de publicação ilustrada, com os principais textos já traduzidos desses viajantes, além de comentários e notas de especialistas brasileiros.
- 03 Hélio Gravatá, *Viajantes estrangeiros em Minas Gerais. 1809 a 1895*. Contribuição bibliográfica. *SLMG*, Belo Horizonte, nº 214, cit., p. 11 e 12.
- 04 Caio Prado Jr., *Formação do Brasil Contemporâneo* (Colônia). Brasiliense, 1945.
- 4-A Manuel Diègues Júnior., *Regiões culturais brasileiras*. Rio, INEP, 1962, Roger Bastide, *Brasil, terra de contrastes*. S. Paulo, Difusão Européia do Livro, 1969. Viana Moog, *Uma interpretação da literatura brasileira*. Rio, Casa do Estudante do Brasil, 1943. Nova edição Antares/pró-Memória, 1983.
- 05 Carlos de Laet, *Em Minas*, 1895. Quando da Revolta da Armada, o autor esteve refugiado em São João del-Rei. O mesmo aconteceu com Olavo Bilac em Ouro Preto. Veja-se, a respeito, "Apuros de Bilac em Ouro Preto", em *O Diabo na Livraria do Cônego*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1957, p. 198 ss.
- 06 Oliveira Viana. *Pequenos ensaios de Psicologia Social*. S. Paulo, Lobato & Cia., 1921. Especialmente o cap. II, "Minas do pão e do lume".
- 07 Nelson de Sena, *A Terra Mineira*, 1ª ed., 1922. 2ª ed. 1927.
- 08 Gilberto Freyre, Conf. "Ordem, liberdade, mineiridade", pronunciada na Faculdade de Direito da UFMG, Belo Horizonte, em julho de 1946. Transcr. em *6 conferências em busca de um leitor*. Rio, Livraria José Olympio Ed., 1964.

- 09 Otávio Soares Dulci. "As elites mineiras e a conciliação". In: ANPOCS, *Ciências Sociais Hoje*. 1984. S. Paulo, Cortez Ed., p. 7 ss.
- 10 Sérgio Porto. *A nova opulência das Gerais*. Momentos de auto-afirmação regional, "mineirices, mineirismos e mineiridades" vistos na publicidade, feita em Minas e para Minas. S. Paulo, Cortez Editora, 1982.
- 11 Afonso Arinos de Melo Franco. "Discurso na Academia Mineira de Letras recebendo o governador Tancredo Neves (2-1983)". Anexo 25 do livro de Aspásia Camargo et alii, *O intelectual e o político. Encontros com Afonso Arinos*. Brasília, Ed. Dom Quixote/CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, 1983.
- 12 Na nova fase da *Revista do Arquivo Público Mineiro*, vêm sendo publicados minuciosos repertórios bibliográficos sobre a história mineira, organizados por Hélio Gravatá.
- 13 Eduardo Frieiro, op. cit., que reúne importantes ensaios sobre Minas Gerais. O romance *O Mameluco Boaventura* foi editado em Belo Horizonte em 1929. A Editora Itatiaia está publicando as obras completas de Frieiro. Como exemplo da retomada do tema da pobreza das vilas de ouro, veja-se de Laura de Melo e Sousa, *Desclassificados do Ouro. A pobreza mineira do século XVIII*. Rio de Janeiro, Graal, 1982.
- 14 João Dornas Filho, *O ouro das Gerais e a civilização da Capitania*. S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 1957. Col. Brasiliana, v. 293.
- 15 Miran de Barros Latif. *As Minas Gerais*. A aventura portuguesa, a obra paulista, a Capitania e a Província. Rio de Janeiro, Ed. S. A. A Noite, 1938.
- 16 João Camilo de Oliveira Torres. *O homem e a montanha*. Introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro. Prêmio "Diogo de Vasconcelos" de Erudição da Academia Mineira de Letras, de 1943. Belo Horizonte, Livraria Cultura Brasileira Ltda. 1944. (O livro contém várias ilustrações especialmente desenhadas por Guignard).
- 17 Alceu Amoroso Lima. *Voz de Minas*. Ensaio de sociologia regional. Rio de Janeiro, Agir, 1945. Datado de Fazenda São Lourenço, janeiro 1944. Rio, junho 1944. Contém 16 gravuras. Teve uma edição revista, pela mesma editora, no ano seguinte. Uma terceira edição, esta de luxo, de 3.000 exemplares, foi feita por ocasião do Natal de 1983, "oferecida aos amigos da FIAT Automóveis". Contém prefácio, "In Memoriam", de Afonso Arinos de Melo Franco.
- 18 Veja-se, principalmente, de Fritz Teixeira de Salles, *Associações religiosas no ciclo do ouro*. Belo Horizonte, Centro de Estudos Mineiros, 1963.
- 19 Sylvio de Vasconcelos. *Mineiridade*. Ensaio de caracterização. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1968. Vejam-se principalmente as páginas 130 e 131. Define aí a idéia de mineiridade, como "centro de equilíbrio, resolução de contradições, harmonização de contrastes". Está falando de arquitetura, comparando a mineira com a de suas origens, na Extremadura. "Características talvez que, nas Minas, se acentuem se ampliem (...)", induzindo a novidades: "espírito democrático e progressista, a rebeldia, as estruturas autônomas aproveitadas em intenções políticas (...)".

- 20 Affonso Ávila. *Resíduos seiscentistas em Minas*. Textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco. 2 v. Belo Horizonte, Centro de Estudos Mineiros, UFMG, 1967.
- 21 Washington Albino Peluso de Souza. *Ensaio sobre o ciclo do ouro*. Contém os capítulos: "As lições das vilas e cidades de Minas Gerais" e "Adam Smith e o ouro de Minas Gerais". Belo Horizonte, UFMG, 1978. Veja-se também "Aleijadinho — símbolo de cultura autônoma". *Revista Brasileira de Estudos Políticos* (Belo Horizonte). nº 48, jan. 1979.
- 22 "Colóquio das Estátuas" foi publicada inicialmente no jornal *Política e Letras*. Rio, nº 3, 8 jul. 1948. Foi reproduzido depois em *Passeios na Ilha*. Cf. nosso estudo sobre esse texto: "Falamos os profetas". In: *Líricos & Profetas*. Brasília, Thesaurus, 1984. O texto de Rosa foi publicado, pela primeira vez, sob o título "Aí está Minas: a mineiridade", em *Manchete*, Rio, 24 ago. 1957. Foi reproduzido no SLMG em 25 nov. 1967 e, com o título de "Minas Gerais", no livro póstumo *Ave Palavra*. Rio, José Olympio Ed., 1970.
- 23 Dantas Mota, *Elegia do país das Gerais*. S. Paulo, 1946.
- 24 Fernando Sabino. *O grande mentecapto*. Relato das aventuras e desventuras de Viramundo e de suas inenarráveis peregrinações. Rio, Ed. Record. Cf. de Almir Correa, *O material mineiro nos romances de Fernando Sabino*. Brasília (Dissertação de Mestrado por nós orientada).
- 25 O pensamento de Autran Dourado, que aparece aqui de forma sintética, é expresso em vários de seus depoimentos, "O idioma português está se deteriorando". Entrevista a Maria do Rosário Caetano, *Correio Braziliense*. 15 jul. 1984. Cad. Atualidades, p. 1. É nossa intenção realizar estudo sistemático sobre este aspecto da obra de Autran Dourado.
- 26 Sobre o assunto, cf. nosso "O prisma de Nava", in *Líricos & Profetas*. cit.
- 27 Cf. nosso texto "As raízes e o presente". In: *A imagem de Minas*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1971.
- 28 Washington Peluso Albino de Souza, "Aleijadinho — símbolo de cultura autônoma", cit.
- 29 Cf. Affonso Ávila, "Da linguagem barroca ao discurso reto. Dois sermões na Vila Real de Sabará (com a reprodução fotográfica dos *Sermões* de Manoel Freire Batalha — 1741 — e Luís Vieira da Silva — 1748). *Rev. Barroco*, nº 5, 1973, p. 65 ss. Fritz Teixeira de Salles. "A ideologia dos intelectuais de Ouro Preto no século minerador". Conselho Estadual de Cultura, *Revista*. nº 9. Belo Horizonte, 1979.
- 30 Neste parágrafo e nos anteriores, enunciaremos temas que serão desenvolvidos em ensaio sobre a origem da Universidade em Minas (1927), em preparação. Uma das fontes básicas é o trabalho de Maria Odila Silva Dias, "Aspectos da Ilustração no Brasil". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, nº 278, 1969.

- 31 Georges Gurvitch, "problèmes de la sociologia de la connaissance". In: Gurvitch (dir.), *Traité de Sociologie*, II, Paris, PUF, 1960.
- 32 Paulo Pinheiro Chagas. "A resposta de Juscelino" (conf.). In: *As idéias não morrem*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1981, p. 259 ss.
- 33 Hélio Lopes, "Cláudio Manuel da Costa, poeta das Minas Gerais", Conselho Estadual de Cultura, Seminário sobre a poesia mineira – período colonial. Belo Horizonte, 1984, p. 9 ss.
- 34 Devem ser registradas duas coletâneas de textos sobre Minas Gerais. A primeira é constituída de reprodução de textos, selecionados por Carlos Drummond de Andrade. É o volume *Minas Gerais*, da série Brasil, Terra & Alma. Rio, Editora do Autor, 1967. A escolha foi a mais variada possível. A outra coletânea é *Minas Gerais – Terra e Povo*. Porto Alegre, Editora Globo, 1970. Foi especialmente organizada por Guilhermino César, que convidou especialistas na temática programada. Os capítulos foram escritos para essa edição, comemorativa dos 250 anos de fundação da Capitania de Minas Gerais. Abrangem aspectos geográficos, históricos, econômicos, da vida intelectual e da realidade urbana mineira.

(Recebido em janeiro de 1985)

